

## RESENHA DO LIVRO “PAULO: NA ORIGEM DO CRISTIANISMO” DE CARLOS GIL ARBIOL

*Carlos Eduardo de Vasconcelos<sup>1</sup>*

Carlos Gil Arbiol é doutor em Teologia Bíblica pela Universidade de Deusto, atualmente é professor titular de Novo Testamento da Faculdade de Teologia da Universidade de Deusto e na Escola Superior de Estudos Franciscanos de Madri. Arbiol, também leciona na Faculdade de Teologia do Norte da Espanha

*Paulo - Na Origem do Cristianismo* trata-se de uma obra onde o autor tem como objetivo ressaltar a tentativa de Paulo de renovar o judaísmo, ou restaurá-lo voltando a suas raízes, tal como ele havia descoberto no acontecimento de Jesus. Com isso, Arbiol afirma que o cristianismo como religião, foi o fracasso do projeto do Apóstolo.

O primeiro capítulo intitulado *Como ler Paulo, hoje*, inicia explicando as três abordagens que foram utilizadas para o estudo dos escritos paulinos nos séculos XIX e XX e enumera seis pontos que são necessários para entender o projeto de Paulo. O capítulo explicita a metodologia utilizada na obra que é o método histórico-crítico aliadas a outras disciplinas como sociologia, antropologia cultural, psicologia e teologia.

O segundo capítulo intitulado *A vocação de Paulo e a origem de sua vocação*, traz a luz o judaísmo do apóstolo, seu encontro com os judeus messiânicos em Damasco e a teoria que Paulo seria apenas um simpatizante do partido fariseu.

O terceiro capítulo, *A cosmovisão de Paulo*, é colocado que quando Paulo reconheceu no crucificado o Messias, ele descobriu quem é Deus. O Messias é o maldito de Deus conforme Dt 21,22-23, é o Servo do Senhor (Is 53), é o verdadeiro sacrifício expiatório pelo perdão dos pecados (Lv 16). O apóstolo mostra o abaixamento de Deus na cruz para aproximar-se do ser humano, mesmo que essa pessoa seja seu algoz. Jesus não quer vítimas, mas as ressuscita. Esta nova visão teológica, obrigou Paulo a reconsiderar a circuncisão, o sábado, as normas de pureza ritual e sua função no tempo escatológico que havia chegado.

O quarto e quinto capítulo intitulados *O início da ekklêsia* e *A identidade da ekklêsia*, informam como Paulo organizou a *ekklêsia* no dia a dia sem ter em vista um projeto de instituição. Nestes capítulos podemos perceber que suas cartas apresentam

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Faculdade João Paulo II (2018). cursando o 2º de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

como objetivo resolver algumas questões pontuais que ocorriam em determinadas comunidades e não para que seus escritos fossem um plano de uma nova religião.

O sexto capítulo que tem como título, *A pseudoepigrafia e o corpus paulino*, explicita a divisão clássica do corpo paulino em: Cartas originais de Paulo, Deuteropaulinas e Pastorais, além da carta aos Hebreus que fica de fora desta classificação.

O sétimo capítulo, *Paulo e a memória de Jesus*, trata-se da questão de como para o apóstolo, ter a experiência e o significado teológico da morte e ressurreição de Jesus é mais importante que o conhecimento de “Cristo segundo a carne”. O capítulo também faz comparações entre Jesus e Paulo e como eles anunciaram a Boa Nova.

O oitavo capítulo, *A reconstrução de Paulo no cristianismo nascente*, compara os escritos paulinos com *Atos dos Apóstolos* de Lucas e como o apóstolo foi utilizado como modelo da Igreja até o segundo século.

O nono capítulo, *Relevância atual de Paulo e sua tradição*, faz uma avaliação de todo o caminho percorrido na obra. O autor nos convida a fazer assim como Paulo, a revisar, discernir e transformar as tradições e as instituições eclesiais. O capítulo leva-nos a imaginar o que aconteceria se o apóstolo nascesse hoje, no seio da Igreja Católica.

Por fim, o autor faz uma bibliografia comentada de algumas obras referente à Paulo que coincidem com os temas tratados na obra.

Uma afirmação do autor que eu questiono: a teoria de que Paulo provavelmente não seria um fariseu, apenas um simpatizante do farisaísmo (cf. p. 45-46). Para confirmar este pensamento, Arbiol utiliza dois argumentos: o primeiro é que alguns especialistas consideram Fl 3,1-4,1 um texto acrescentado depois da morte de Paulo. O segundo argumento é que na sua opinião não existiam fariseus na diáspora.

Em Gl 1, 13-14 Paulo afirma como era seu fervor em perseguir os seguidores de Jesus e como progredia no judaísmo. Dizer que um simpatizante dos fariseus viajaria até Damasco para confrontar com esses judeus seguidores de Jesus, ao meu ver, não faz muito sentido. Entretanto, não devemos descartar a teoria do autor.

Quatro aspectos me chamaram muito atenção da obra de Arbiol, São pontos teológicos que pode ajudar muito a Igreja no Brasil:

- 1 – A cruz: Reconhecer o crucificado o Messias é descobrir quem é Deus. A cruz não é de ouro que reluz, mas é vergonhosa e desprezível, instrumento de tortura, é o mais distanciado do brilho da glória de Deus (cf. p. 66). Hoje muitos

enxergam a cruz como um lindo adorno que enfeita as capelas, casas e o peito do cristão. Mostrar para o povo de Deus o sentido da cruz, pode ajudá-los a compreender melhor o amor do Pai e o amor que devemos ter para com o próximo.

- 2 – Jesus no madeiro: Conforme Dt 21,22-23, Jesus seria o maldito de Deus. O Jesus contemplado por Paulo serve também para nós questionarmos: Quem são considerados malditos em nossa sociedade? Como devemos tratá-los?
- 3 – Ekklêsia e Missão: Para Paulo todos eram um na comunidade não existindo diferenças entre escravos e livres, judeus e gregos, homens ou mulheres (cf. Gl 3,28). É necessário ajudar o povo a entender que todos somos um em Cristo, independentemente de sua condição financeira, intelectual ou política. A Igreja é um local que deve acolher todas as pessoas e tratá-las dignamente.

Paulo pode ser utilizado como modelo para compreender a “Igreja em saída” que o Papa Francisco tanto solicita. Se Jesus utilizava parábolas (linguagem rural) e anunciava o Reinado de Deus para os palestinos, Paulo, anunciou a Boa Nova aos gentios e judeus respeitando suas identidades e falando na linguagem que eles entendiam (linguagem urbana). Devemos nos questionar: Qual a linguagem ou a forma que Jesus Cristo deve ser anunciado para o próximo?

- 4 – Autoestigmatização: Paulo de Tarso foi muitas vezes desacreditado em suas decisões. Paulo mostra que sua fraqueza e incapacidade também contém uma força paradoxal assim como a morte de Jesus: é o modo como Deus se mostrou e agiu. Líderes de comunidades podem sofrer as mesmas perturbações. Entender como o apóstolo lidou com seus sofrimentos pode ajudar a dar ânimo e coragem para muitos coordenadores de comunidades além de conscientizar que outras pessoas possam abraçar essa tarefa que frequentemente é negada.

A obra aqui comentada tem uma linguagem fácil e aspectos importantes para entender o porquê Paulo não quis fundar uma religião. É um ótimo livro que pode ajudar nas formações de leigos. Apesar do livro não explicitar a tríade paulina, o modo que Arbiol explanou sobre a “teologia da cruz”, a autoestigmatização e a *ekklêsia*, ajuda-nos a compreender qual o rumo que nós seguidores de Cristo devemos tomar.

**Referência**

ARBIOL. C. G. *Paulo: Na origem do cristianismo*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2015.

*Recebida em: 25/08/2020*

*Aprovada em: 08/09/2020*